

Pesquisa exploratória dos sentidos intersubjetivos do reconhecimento
Exploratory research of intersubjective sense of recognition
Investigación exploratoria de los sentidos intersubjetivos del reconocimiento

Recebido: 07/04/2020 | Revisado: 20/04/2020 | Aceito: 23/04/2020 | Publicado: 25/04/2020

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0048-4976>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: pimenteladelma@gmail.com

Resumo

Objetivo: A Experiência do reconhecimento é uma dimensão existencial que contribui para a saúde psicológica das pessoas, na medida em que beneficia a realização da criatividade, do auto contato, da solidariedade, da ação capaz, do reconhecimento jurídico, do respeito próprio e ao **outro**, este entendimento constituiu o fundo teórico da articulação com as percepções dos colaboradores da pesquisa qualitativa exploratória realizada em uma Universidade Federal da Região Norte. Método: Focalizamos a experiência do reconhecimento para seis homens e cinco mulheres de 20 a 70 anos, com instrução superior. Foi aplicado um questionário com perguntas abertas cuja análise textual discursiva, centrou-se na busca dos sentidos do reconhecimento. Resultados: cinco homens e quatro mulheres afirmaram sentir-se reconhecidos, e um homem que não se sentiu, devido a sua *raça, frequentemente negada*. As percepções sobre o reconhecimento mencionaram atos de apoio; autoconhecimento e aceitação. Concluímos que os achados aludem que, a vivência do não reconhecimento é um exemplo da denegação em contextos sociais. Os relatos da pesquisa são promissores para a prática clínica de Gestalt-terapeutas interessados no reconhecimento intersubjetivo, na superação dos fatores de denegação, na escuta dialógica e na compreensão das disfunções de contato que favorecem os ajustamentos neuróticos e o auto desconhecimento.

Palavras-chave: Reconhecimento; Denegação; Gestalt-terapia; Interdisciplinaridade; Pesquisa.

Abstract

Objective: The Recognition Experience is an existential dimension that contributes to the psychological health of people, as it benefits the realization of creativity, self-contact,

solidarity, action in a capable way, legal recognition, self-respect and self-respect. another, this understanding constituted the theoretical background of the articulation with the perceptions of the collaborators of the exploratory qualitative research carried out in a Federal University of the Northern Region. Method: We focused on the recognition experience for six men and five women aged 20 to 70, with higher education. A questionnaire with open questions was applied whose discursive textual analysis focused on the search for the senses of recognition. Results: five men and four women said they felt recognized, and one man who did not, due to his race, was often denied. Still, perceptions of recognition mentioned acts of support; self-knowledge and acceptance. We conclude that the findings allude that the experience of non-recognition is an example of denial in social contexts. Research reports are promising for the clinical practice of Gestalt therapists interested in intersubjective recognition, overcoming denial factors, dialogic listening and understanding of contact dysfunctions that favor neurotic adjustments and self-ignorance.

Keywords: Recognition; Denegation; Gestalt therapy; Interdisciplinary; Research.

Resumen

Objetivo: La experiencia de reconocimiento es una dimensión existencial que contribuye a la salud psicológica de las personas, ya que beneficia la realización de la creatividad, el autocontacto, la solidaridad, la acción de una manera capaz, el reconocimiento legal, el respeto propio y el respeto propio. otro, esta comprensión constituyó el trasfondo teórico de la articulación con las percepciones de los colaboradores de la investigación cualitativa exploratoria realizada en una Universidad Federal de la Región Norte. **Método:** Nos centramos en la experiencia de reconocimiento para seis hombres y cinco mujeres de 20 a 70 años, con educación superior. Se aplicó un cuestionario con preguntas abiertas cuyo análisis textual discursivo se centró en la búsqueda de los sentidos de reconocimiento. Por lo tanto, cinco hombres y cuatro mujeres dijeron que se sentían reconocidos, y un hombre que no lo hizo, debido a su raza, a menudo fue negado. **Resultados:** Así, las percepciones de reconocimiento mencionaron actos de apoyo; autoconocimiento y aceptación. Concluimos que los hallazgos aluden que la experiencia de no reconocimiento es un ejemplo de negación en contextos sociales. Los informes de investigación son prometedores para la práctica clínica de los terapeutas Gestalt interesados en el reconocimiento intersubjetivo, la superación de los factores de negación, la escucha dialógica y la comprensión de las disfunciones de contacto que favorecen los ajustes neuróticos y la auto-ignorancia.

Palabras clave: Reconocimiento; Sufrimiento; Gestalt-terapia; Interdisciplinario; Investigación.

1. Introdução

O objeto desta escritura é a percepção da experiência do reconhecimento da pessoa humana no contexto atual, em que diariamente os jornais impressos, os televisivos e os sites de notícias divulgam a elevada incidência de agressões, linchamentos físicos e morais; *revenge* virtual, feminicídio; tráfico de drogas; sequestro relâmpago; latrocínio, homicídios cruéis, redução da pessoa humana a condição de desvalia, e ao papel de “vítima” compondo inúmeros relatos da dessacralização da vida. No horizonte da *Saúde Mental*, esta preocupação leva em conta a ampliação do sofrimento psíquico das pessoas, e requer pesquisas em Psicologia clínica, especificamente da atividade da psicoterapia gestáltica, base da nossa prática (Alvim, 2016; Castells, 2010; Pimentel, 2003, 2018; Drucker, 1993). Assim, este texto decorre de uma pesquisa qualitativa exploratória realizada em uma Universidade Federal da Região Norte sobre a percepção da experiência do reconhecimento para homens e mulheres. A coleta foi realizada de julho a setembro de 2018 (Parecer: 3.525.926) do comitê de ética do Instituto de Ciências da Saúde, emitido em 22 de outubro de 2019.

Para encontrar pistas e obter respostas que orientem Psicólogos no trabalho de redução do sofrimento psíquico é necessário desenvolvermos estudos interdisciplinares; portanto, a base teórica deste trabalho envolve a Gestalt-Terapia (GT); bem como nos valem da obra filosófica de Ricoeur (2006) intitulada *O Percurso do Reconhecimento*; e de comentadores como Corá e Nascimento (2011). Utilizamos também proposições do filósofo alemão Axel Honneth, cuja empreitada foi situar no contexto empírico o Reconhecimento, “termo traduzido do alemão *Anerkennung*, por necessidade de respeito nas relações intersubjetivas” (Honneth, 2003, p 18). Com esta perspectiva de diálogo apresentamos os relatos qualitativos acerca da percepção do reconhecimento para os colaboradores da pesquisa.

Da GT recorreremos ao conceito de ajustamento criativo, que, em nosso entendimento, favorece o enfrentamento das situações que envolvem o desconhecimento humano e o consequente sofrimento psíquico das pessoas. Em linguagem gestáltica, ajustamentos criativos são manejos interpessoais que as pessoas elaboram, a partir da interpretação pessoal das normas de conduta do seu habitat. Sobretudo recorrendo à criatividade, a abertura a experimentar o novo, ao desenvolvimento de auto suporte e suportes externos, etc. (Pimentel, 2003; Robine, 2009; Campos & Daltro, 2015; Holanda, 2006). Para que o ajustamento criativo se mantenha em fluxo é necessário que, os mecanismos neuróticos empregados pela pessoa em defesa do *eu*:

introjção, projeção, deflexão, confluência e retroflexão se limitem a proteção, nunca a cronificação de modos de relacionamento interpessoal.

A atuação dos mecanismos de defesa no psiquismo de alguém pode se dar com a ativação de vários concomitantemente, já que, estes são modos de organizar a energia que as pessoas desenvolvem que resultam em resistências, cujo significado descrito no sistema teórico gestáltico transcende o usual de “Apenas uma barreira mal definida que deve ser removida, mas uma força criativa para controlar um mundo difícil” (Polster E. & Polster, M. 1979, p.63).

Introjções constituem-se como estratégias do movimento humano para captar o mundo, logo integram os processos de sociabilidade e de subjetivação. Quando associadas ao procedimento de assimilação, que implica a seleção dos alimentos nutritivos que serão suportes da autoestima, as introjções cultivam o ajustamento criativo. As dificuldades na apreensão começam quando se tornam meios recorrentes de contato mundano, sem que a pessoa concretize uma ação seletiva de alimentos formadores do eu, o que favorece o ajustamento disfuncional, expresso na depressão, e em outros modos de adoecimento (Perls, 1997, 2002; Pimentel, 2003).

As introjções integram todos os demais mecanismos de defesa devido à função de proteção da mesma. Quando a fronteira do contato se dilata e defende que a cronificação do modo de agir assuma lugar de figura no campo psicológico, a direção existencial do cotidiano é comprometida e abre-se espaço no ego para as *Projeções*, entendidas como deslocamentos de sentimentos, principalmente negativos; de pensamentos e autoimagem “pejorativa” para o contexto e o outro. “Quem usa a *projeção* renuncia a aspectos de si mesmo, atribuindo-os ao ambiente, cometendo grandes equívocos, abdicando de sua própria participação na direção da energia e experienciando a si mesmo como impotente para realizar uma mudança”. (Polster E. & Polster, 2001, M. p.85)

Sobre a *Retroflexão*, a principal qualidade consiste em voltar para si mesmo o que deseja receber e fazer ao outro, seja em gentilezas, seja em opressão devido às dificuldades vivenciadas nos processos de sociabilidade e subjetivação. O prefixo *Re* indica repetição. O verbo *fletir* é uma elocução, cujo sentido comum ou literal alude vergar, dobrar; e o figurado ou simbólico implica a tolerância. Na dinâmica psíquica, quando ambos os sentidos figurado e o simbólico se alternam em uma polaridade em prol da saúde, o serenar passa a ser figura superando a repetição de modos adoecidos de existir e se relacionar; o que pode ser favorecido, entre outros modos pela intervenção clínica. (significado do prefixo). “Quem usa a *retroflexão* abandona qualquer tentativa de influenciar seu ambiente, ao manter de um modo acrítico as introjções. “Então tenho de fazer isso por mim mesma”. Também pode retrofletir contra si mesma aqueles

impulsos que inicialmente seriam dirigidos para alguma outra pessoa” (Polster E. & Polster, M. 2001, p.96).

Confluência, por sua vez refere à rigidez da fronteira de identificação entre o si mesmo e o outro, o que, em adultos resulta na imitação, na inveja e na procura de ter os objetos que o outro possui. Na hipótese crônica da neurose o desejo de ser o outro provoca intenso sofrimento psíquico. “A confluência é um fantasma perseguido pelas pessoas que desejam reduzir as diferenças para moderar a experiência perturbadora da novidade e da alteridade. Os antídotos para a confluência são o contato, a diferenciação e a articulação” (Polster E. & Polster, M. 2001, p 105).

Igualmente à *Retroflexão*, na *Deflexão* há alusão ao sentido comum ou literal de vergar, dobrar; e o figurado ou simbólico de tolerância. Uma distinção entre a dinâmica dos mecanismos de defesa do ego é vinculada ao prefixo *de* que carrega os sentidos de afastamento e negação. A pessoa se aparta ou recusa os sentimentos, desejos, pensamentos, e ações devido às dificuldades vivenciadas nos processos de sociabilidade e subjetivação, “Falar de modo indireto e sem envolvimento caracteriza a deflexão por tirar o calor do contato real. Recorrer à linguagem excessiva, não olhar para a pessoa com quem se está conversando, a linguagem estereotipada por conversar *sobre*, em vez de conversar *com*”. (significado do prefixo; Polster E. & Polster, M. 2001, p 101).

Esclarecidos os principais conceitos da GT que envolvem nosso estudo, passamos a tarefa de abrir caminhos compreensivos sobre o conceito de reconhecimento.

O estudo sobre o Reconhecimento em Paul Ricoeur.

É apropriado apresentar o filósofo francês Paul Ricoeur, já que as gerações de leitores sempre se renovam. Conforme Stefani (2006) o diagrama ricoeuriano realizado ao longo de sua vida incluiu a composição de uma *Antropologia Filosófica* visando à compreensão do si mesmo, dos outros, do sentido da vida. Acerca da vida pessoal de Ricoeur, Jervolino (2011) descreveu o nascimento em Valença na França, as experiências de luto pelas mortes dos genitores e o engajamento nos estudos, na militância política socialista e na igreja protestante. No fluxo profissional, Jervolino (2011, p.19) observou que o filósofo refutou os efeitos das guerras mundiais, destacando a prisão em “Pomerania como uma experiência humana excepcional”; bem como ativou sua trajetória em busca das práticas sociais éticas.

A partir do doutoramento, Jervolino elenca a obra de Ricoeur em uma cronologia: nos anos 50 sobressai o tradutor e as primeiras questões sobre a existência, à vontade, e o paradoxo;

na década de 50 preponderam estudos sobre a linguagem, os símbolos, a criatividade e a imaginação. Na década de 60, Ricoeur alcança “A virada hermenêutica parte de uma determinada “região” da linguagem, de uma tese geral: a reflexão filosófica nunca começa do zero, mas da riqueza de sentido da linguagem que se manifesta nos símbolos e nos mitos” (Jervolino, 2011 pp 40-41).

Nos anos 70-80, o texto assume lugar privilegiado nas pesquisas ricoeurianas, tendo o filósofo ultrapassado o estudo hermenêutico do símbolo, considerando-o ineficaz pela limitação contextual. Ganha forma e força o percurso da narração e da identidade narrativa, “e a interpretação adquire novo conceito, aquele que nasce de uma dialética entre compreensão e explicação” (Jervolino, 2011, p 58). Com a abordagem da identidade narrativa, Jorvelino (2011) afirma que Ricoeur supera a abordagem do sujeito-cogito lançando a tese da dialética entre *mesmidade* e *ipseidade*, que “O outro não é apenas o outro homem, mas todas as múltiplas formas de alteridade que o si encontra no caminho do próprio existir e do próprio interrogar-se”. (Jervolino, 2011, p 70).

Nos anos 90 dedica-se aos estudos da tradução; no ano 2000 publicou *A memória, a história e o esquecimento*, e o *Justo*, segunda parte. “De resto, uma constante solicitude para com os seres humanos de carne e osso caracteriza a obra inteira de Ricoeur” (Jervolino, 2011, p 72). Por sua vez Lauxen (2015) oferece ao leitor iniciante um texto chamado *Os cem anos de nascimento de Paul Ricoeur: uma biografia intelectual*, no qual faz uma pequena taxonomia da obra, situando que o projeto ricoeuriano dialogou com a Fenomenologia husserliana compondo o “enxerto hermenêutico” na Fenomenologia, para compreensão do si mesmo, do outro, e dos sentidos da vida.

O significado de “enxerto hermenêutico”, conforme Lauxen (2015, p 13), aponta que Ricoeur articulou em sua teorização o método fenomenológico e o hermenêutico para “compreender os fenômenos que escapam a uma visada intencional direta”. Tal decisão epistemológica se deu na medida em que conclui que, para se expressar e constituir sua cultura nos valem de linguagens figuradas e indiretas como a dos mitos e símbolos, que “Exigem um método capaz de decifra-los: a hermenêutica que leva em conta a relação do sentido com o passado histórico”. Na conjuntura aposta, a hermenêutica adquire a função de decifração do duplo sentido dos símbolos e dos textos.

Ainda, Lauxen (2015) indica que a vivência de perdas familiares, em período de vida *temprano* fez com que, entre as preocupações de Ricoeur, se destacassem a compreensão do agir ético e do sofrimento humano, a interpretação da identidade, da linguagem, da alteridade, do tempo, da memória, dos símbolos, do reconhecimento mútuo. O articulista estabelece que a

produção do pensamento reflexivo de Ricoeur iniciou com a tradução de *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica* de Husserl para o francês, acompanhada do estudo de Gabriel Marcel, Karl Jaspers e M. Merleau-Ponty. A sua tese de doutorado resultou na composição do volume “Uma fenomenologia da vontade com reflexões orientadas para o domínio prático da liberdade, do mal, da responsabilidade”.

Situados aspectos da biografia e do desenvolvimento das preocupações filosóficas de Ricoeur, passamos a especificidade da obra *O Percurso do Reconhecimento (Parcours de la reconnaissance, 2004)*, que resulta de três conferências feitas em Viena. Pela via do exame lexicográfico, o filósofo almejou encontrar o “estatuto semântico do termo “reconhecimento” na filosofia” (Ricoeur, 2006, p. 09). O autor demonstrou comedimento ao nomear sua pesquisa com o título *percurso*, e sublinha sua “perplexidade” ante a “polissemia” do termo reconhecimento, e a ausência de uma teoria filosófica do reconhecimento, tão-somente de indicadores contidos nas obras de Descartes, Kant e Hegel, as fontes de sua inspiração.

Na obra citada, Ricoeur utilizou como fonte analítica a pesquisa filológica recorrendo a dois dicionários: *Dictionnaire de la langue Française*, publicado por Émile Littré (1859-1872) e *Grand Robert de la langue Française*, organizado por Alain Rey, em 1985. Estas obras apresentam “a organização lexicográfica da polissemia da palavra reconhecimento” (Ricoeur, 2006 p.13). Assim, começou examinando o Littré (*Dictionnaire de la langue Française*) no qual referiu encontrar 19 significações para a expressão “Reconhecimento” e, após um exame detalhado, aglutinou os principais sentidos por ele abstraídos: 1) recolocar ideia; 2) marcas; 3) valores; 4) negar, desconsiderar, não ouvir; 5, 6, 7) explorar o desconhecido; 8) verdade; 9) admitir autoridade; 10) fé; 12) reconhecer um direito; 15) admitir erro; e, por fim, 16) gratidão.

Detalhou na primeira definição o modo do prefixo “RE” que indica a tese de “colocar novamente na mente, a ideia de alguém, ou de algo que se conhece”. Nesta significação, Ricoeur (2006) identifica como elemento importante para a construção do percurso do reconhecimento a abordagem do “não dito, pois considera que neste horizonte reside à força do “Re-tomado no sentido temporal da repetição” (p. 15). Na segunda significação, o filósofo ressaltou a presença das marcas que qualificam alguém e algo, como: “Conhecer por algum sinal, por alguma marca, por alguma indicação, uma pessoa ou uma coisa jamais vista antes” (Ricoeur, 2006 p.17).

Em seguida, Ricoeur prossegue apontando a terceira importante significação quer seja, o desvelar do valor de algo: “Chegar a conhecer, a perceber, a descobrir a verdade de algo” (p 18). E, a quarta definição que apontou os sentidos de “negação, desconsideração de não mais ouvir” (p.18). Já na quinta, sexta e sétima significações assinalou a “descoberta e a exploração

do desconhecido, quer se trate de lugares e de obstáculos, de perigos” (p 18). Na oitava significação o realce foi para “admitir, aceitar como verdadeiro, como incontestável”, enquanto que a nona distinguiu a nuance sugerida pelo ato de admitir deliberado na referência a autoridade de alguém, implícita na ideia de “submeter-se à autoridade de uma pessoa” (p 18).

Os caminhos metodológicos de elucidação do *O Percurso do Reconhecimento* delineados por Ricoeur (2006) foram em nossa compreensão de: a) identificar a ausência de uma teoria filosófica do reconhecimento, e de unicamente enfoques do reconhecimento; b) desenvolver um projeto de análise lexicográfica de dois dicionários da língua francesa, em que abordou a amplitude das significações do termo reconhecimento; c) a identificação do sentido privilegiado do reconhecimento como demonstração das diferenças individuais, em situações de discriminação; d) deter-se nos enigmas do não dito e do implícito nos diferentes sentidos da palavra “Reconhecimento” (léxico); abordagem filosófica da diferença entre o emprego do verbo reconhecer na voz ativa, e na voz passiva, que corresponde ao sentimento de ser reconhecido; e) a inclusão do sentido de solicitude na significação contida na voz passiva; e por fim, f) atribuir ao “Reconhecimento” o sentido da identidade, da alteridade, e da dialética entre reconhecimento e desconhecimento.

Corá e Nascimento (2011) afirmam que “*Parcours de la reconnaissance (2004)*, traduzida ao português como “O Percurso do Reconhecimento” (2006), estabelece o percurso de passagem do reconhecimento como (a) noção epistemológica enquanto identificação, (b) o reconhecimento enquanto capacidade de reconhecimento de si, (c) reconhecimento como noção política” (p. 408). Quando alguém se vale da aplicação empírica do *reconhecimento-identificação* situa os marcadores objetivos de sua personificação: a profissão, a idade, o endereço, etc. O *reconhecimento de si* aciona a corporeidade para agir no mundo de um modo capaz. Com a contribuição de Ricoeur sobre a capacidade pode-se pensar na superação da linguagem binária, pois,

A existência de um homem capaz não pressupõe a existência de um homem incapaz, sim, a existência de quem é capaz e para que ele é capaz. O homem afirma-se e atesta-se como sujeito corpóreo, de carne e osso, capaz de se designar, de agir, de narrar à história da sua vida e de se apresentar e assumir como autor responsável pelos seus atos” (Corá e Nascimento, 2011, p 410).

Conjecturamos que, na pesquisa, na intervenção clínica e no uso cotidiano da linguagem podemos pensar outras qualidades, além da *capacidade* em estabelecer comparação como parâmetro identitário. Por exemplo, superioridade designa a potência de elevar-se a uma

condição de aprimoramento pessoal, ou seja, refere-se ao si mesmo e ao outro, sem precisar coteja-los com a noção de inferioridade, como se dá na logica binaria (Silva, 2000).

Já sobre o *Reconhecimento como noção política* Ricoeur (2006) recorre a Honneth para avaliar a noção de desconhecimento ou denegação,

Na análise de Honneth, o desprezo social é a nova forma de negação, uma mazela da sociedade civil. Uma das questões mais pertinentes ao debate contemporâneo no âmbito sociopolítico é o vínculo “estranho” entre a produção de riqueza e a produção de desigualdades. Ao invés da produção de riqueza gerar a promoção de igualdade, no mais das vezes, ela gera a produção de desigualdades porque a riqueza é geração de mais dinheiro que, por sua vez, acentua a diferença entre àqueles que o têm e os que não o têm. A produção de desigualdade pelo dinheiro é “fonte de desprezo [desconhecimento], negação de reconhecimento” (Ricoeur, 2004; p. 19), exibindo a maior contradição existente em nossas sociedades, entre a atribuição igualitária de direitos e a desigualdade na distribuição dos bens. (Corá e Nascimento, 2011, p 419).

Na população brasileira a mazela desenhada por Honneth acirra o desconhecimento do outro, pois vivencia-se no País a produção das desigualdades; a exemplo, podemos ilustrar a maior afetação nas populações economicamente vulneráveis da pandemia da COVID 19, que, desde janeiro de 2020 assola todos os estados do País, sobretudo nas periferias das cidades. (MS, 2020).

O estudo de Honneth sobre o “Reconhecimento”.

O filósofo Axel Honneth é alemão que nasceu e viveu em contexto urbano e industrial, De 1969 a 1974 cursou Filosofia, Sociologia e Germanística em Bonn e Bochum. Entre os anos de 1977 e 1982, defendeu sua tese de doutoramento. De 1982 a 1983, foi pesquisador bolsista junto a Jürgen Habermas, no Instituto Max Planck de Ciências Sociais, em Munique. Em 1992 esteve à frente da cátedra de Filosofia Política, na Universidade Livre de Berlim. De 1995 a 1996, foi docente convidado "Theodor-Heuss", na New School, Nova Iorque. Em 1996, foi professor de Filosofia Social na Universidade de Frankfurt Desde abril de 2001 é diretor científico do Instituto para Pesquisa Social da Universidade Johann Wolfgang Von Goethe (Fuhrman, 2018, p 83).

O conceito que alicerça a Teoria do Reconhecimento de Honneth é o de relação. “Interessam-lhe conflitos que se originam de urna experiência de desrespeito social, de um ataque à identidade pessoal ou coletiva” (Honneth, 2003, p. 18). Honneth (2003) realizou uma *reconstrução* das teorias de Hegel e Mead sobre o reconhecimento, bem como se valeu do enfoque psicanalítico freudiano e winnicotiano, e da teoria do apego aplicado ao material clínico. Analisou o reconhecimento como uma construção intersubjetiva, dialógica e histórica,

por meio da qual as pessoas buscam a sua realização em três domínios essenciais: as relações amorosas e de amizade, o reconhecimento jurídico; e a solidariedade.

Os desdobramentos psíquicos do reconhecimento mútuo são a autoconfiança, o autorrespeito e a autoestima, pilares da autonomia individual e coletiva, “... A relação amorosa... prepara o caminho para uma espécie de auto relação, em que os sujeitos alcançam mutuamente uma confiança elementar em si mesmos” (Honneth, 2003, p. 177). Outra inquietação do filósofo foi desenvolver bases teóricas para “Clarificar as experiências sociais que denegam o reconhecimento desejado... As diversas espécies de rebaixamento e de ofensa por que passam os homens nas relações interpessoais que lesam ou as destroem” (Honneth, 2003, p. 157).

A denegação do reconhecimento sucede pela via do desrespeito, da possibilidade de ferir a integridade física, a social e a dignidade. Conforme o autor,

(..) “desrespeito” ou “ofensa” pode abranger graus diversos de profundidade na lesão psíquica de um sujeito: por exemplo, entre o rebaixamento palpável ligado a denegação de direitos básicos elementares e a humilhação sutil que acompanha a alusão pública ao insucesso de uma pessoa... algumas formas de desrespeito (Honneth, 2003, p 214).

Inspirada em Honneth, Albornoz (2011), no debate sobre reconhecimento esclarece algumas circunstâncias do mundo do trabalho, consoante às transformações atuais, consequências da *Sociedade do Conhecimento* (Drucker, 1993). A autora sintetiza as teses de Honneth (2003) sobre o reconhecimento jurídico como: o desdobramento em duas formas de respeito, uma que o considera como “Um fim em si”, sendo dirigido ao humano universalmente; e o respeito social, “levam-se em conta as realizações individuais consideradas socialmente relevantes” (Albornoz (2011, p.138).

Em direção à solidariedade, o grupo é a instância social a quem é dirigida o reconhecimento, oriundo do sentimento de orgulho e honra que cada pessoa experimenta. “Por solidariedade se compreende uma relação interativa em que os sujeitos tomam interesse, de modo recíproco, por seus modos distintos de vida, já que se estimam de maneira simétrica” (Albornoz, 2011, p.141).

Neto (2013) aponta que Honneth, Charles Taylor e Nancy Fraser são autores que, atualmente, elaboram ponderações sobre o reconhecimento intersubjetivo, a partir dos efeitos do multiculturalismo e das políticas públicas inclusivas. As teses dos autores são relevantes para que Gestalt-terapeutas articulem intervenções no contexto da saúde mental focalizando os desdobramentos que a vivência da cidadania de segunda classe produz, ao classificar as pessoas

em locais e imigrantes, portadores de conhecimento e trabalhadores e assistidos pelo estado, e a disputa pelos recursos econômicos (Drucker, 1993).

Também, Neto (2013) assinala em Honneth a descrição dos impedimentos ao reconhecimento, pela via da denegação oriunda do desrespeito, que “Em momentos negativos: 1) Aqueles que afetam a integridade corporal dos sujeitos e, sua autoconfiança básica; 2) A denegação de direitos, que destrói a possibilidade do autorrespeito, da igualdade e 3) A referência negativa ao valor de certos indivíduos e grupos, que afeta a autoestima dos sujeitos” (Neto, 2013, p 57).

A denegação, o desrespeito, o estupro, a tortura, a desvalorização do outro estão amalgamadas às dinâmicas que constituem a sociedade do conhecimento e afetam as pessoas. De acordo com Drucker (1993, p XVII), “O desafio *social*¹ da sociedade pós-capitalista será a dignidade da sua segunda classe: os trabalhadores em serviços. Como regra geral, estes trabalhadores carecem de educação necessária para serem trabalhadores do conhecimento”.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa exploratória para ampliar a familiaridade com a questão. O estudo é qualitativo, de inspiração fenomenológica hermenêutica. O delineamento visou desvelar os significados atribuídos pelos colaboradores ao reconhecimento de si e do outro. A fundamentação favoreceu a abordagem da percepção da experiência dos colaboradores, por meio da compreensão da linguagem. (Pereira, et al., 2018; Ricoeur, 1999, 2006; Holanda, 2006; Carvalho, 2005).

Acerca dos procedimentos da pesquisa, o projeto está inserido em estudo guarda-chuva. Foi submetido ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade da Região Norte, Parecer: 2.735.646.

No estudo, consideramos variados aspectos na delimitação dos critérios de inclusão dos participantes: a) um amplo intervalo etário, de 20 a 70 anos; b) abarcar homens e mulheres; c) instrução superior, do incompleto a pós-graduação completa; d) concordar em responder ao questionário. Foram excluídos crianças e adolescentes; homens e mulheres fora do intervalo etário; não aceitar responder ao questionário; não assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A circunscrição do intervalo etário dos colaboradores também está ligada ao contexto de aplicação do questionário: os espaços da Universidade; e a participação de pessoas

¹ Grifo no original.

com os papéis sociais de aluno e docente. Todos os colaboradores foram localizados a partir do critério da bola de neve (Turato, 2003; Gil; Gerhardt & Silveira, 2009).

A coleta foi realizada de julho a setembro de 2018. O preenchimento do questionário com perguntas abertas, apresentado individualmente, se deu em vários ambientes da Universidade, com privacidade e silêncio. Principiou com a leitura inicial pelos colaboradores, e o acompanhamento presencial durante a coleta para responder a possíveis dúvidas, surgidas com a leitura do questionário. Durante a aplicação as dúvidas sobre o que significava tal questão foram respondidas orientando para que os colaboradores respondessem o seu entendimento, pois, não havia respostas certas ou erradas. A partir desta orientação, cada participante concluiu o preenchimento das questões: 1. Sente que é reconhecido? Se for sim, descreva o que sente; se for não descreva o que sente; 2. Defina “Reconhecimento”; e 3. Reconhece o outro? Se for sim, descreva o que sente; se for não descreva o que sente.

Para as análises das percepções dos colaboradores da pesquisa, apresentamos as respostas em itálico, e realizamos uma interpretação da comunicação subjetiva e intersubjetiva, o que nos permitiu captar os significados gerais das questões registradas. Deste modo, após várias leituras do material completo, elaboramos as categorias: a) percepção do auto reconhecimento; b) reconhecimento do outro; c) definição de reconhecimento. Na etapa de síntese organizamos os sentidos possíveis apreendidos.

3. Resultados

Participaram da pesquisa: seis homens de 17 a 70 anos, sendo um com escolaridade secundária e cinco com escolaridade superior, entre graduação incompleta e doutorado completo. Dois são professores universitários. Quanto à raça/cor usamos o parâmetro do IBGE para a auto identificação; deste modo, participaram quatro pardos, um branco e um negro. Acerca das mulheres, o perfil foi: idade de 20 a 32 anos, com ensino superior da graduação ao doutorado incompleto. Três negras, duas pardas e uma não respondeu. Para apresentá-los usamos nomes que comumente são atribuídos aos homens e as mulheres: Jairo, Carlos, Pedro, Marcelo, João, Antônio; Mariana, Sara, Diva, Osmarina, Leila e Laura. Organizamos as respostas em dois parâmetros: um referente ao reconhecimento de si; e o segundo alusivo ao reconhecimento do outro. Em seguida, descrevemos os contextos em que a sensação de “Reconhecimento” se manifesta e as definições que o caracterizam.

Percepções dos homens

Sobre a questão: **Sente-se reconhecido**: cinco afirmaram que **Sim**, e Antônio mencionou que **Não** se sentia reconhecido. Os contextos citados foram o conjugal, o familiar, o social, o trabalho. E os principais significados foram: *responsabilidade, comprometimento; merecimento*.

A experiência de **Carlos** menciona o reconhecimento vinculado com as *amizades que proporcionam alegria nos encontros e reencontros*; contudo, critica a *competição no trabalho, que implica em “esquecimento”, ser ignorado*. Por sua vez, **Pedro** apontou os papéis de professor, pai, marido, patrão como desempenhos em que o reconhecimento se dava, e principalmente, ele *procura comprometer-se com o que as pessoas dessas relações esperam e exigem dele, resultados condizentes com os investimentos pessoais que elas fazem*.

Para **Antônio** era importante citar sua vivência que apontava indícios de sofrimento psíquico. Ele afirmou: *Em minhas relações sociais minha raça é frequentemente negada, principalmente quando há situações de racismo, quando me expresso inconformado com certas atitudes; na família, minha sexualidade e meus sentimentos são ignorados, nunca são ouvidos ou confirmados*.

Definição.

Jairo assinalou Reconhecer é *Ouvir e tentar compreender algo ou alguém pelo o que ele é, e não por preconceito. Entendo que ser reconhecido implica em estabelecer trocas, obter apoio e segurança; se ver através do outro nas minhas relações*.

Carlos Reconhecimento é a *Implicação em autoconhecimento e autoreconhecimento. Ter uma relação autêntica e sadia comigo mesmo permite que o outro possa ser ele mesmo. Se eu não me reconheço não tenho condições de reconhecer o outro; reconhecimento não implica em “tolerar” qualquer coisa, mas exige a disposição e a capacidade para a interação e diálogo que promova mútuo crescimento*.

Na afirmação dita por **Carlos** *Reconhecimento é reconhecimento da singularidade das existências humanas. Aceitar a pessoa como pessoa, o outro, mas mantendo o movimento de nosso desenvolvimento, o que também implica em conflitos. O outro não é “eu”, não é segundo minha imagem e expectativas, mas tem sua história (biografia), sua cultura, as diferenças culturais, suas limitações e potencialidades*. – Podemos depreender o sentido de maturidade, contato com a realidade, e considerar a não linearidade dos relacionamentos.

Sobre as acepções assinaladas, observamos que os colaboradores desejavam que no reconhecimento estivesse presente: a condição de mutualidade praticada nas relações

interpessoais; a escuta pelo o que o outro tem a dizer, e o respeito por sua opinião e por quem ele é.

O Reconhecimento do Outro.

Jairo informou que *coexistir é fundamental nas interações com o mundo; todos possuem vivências e experiências.* **Pedro** abalizou a preocupação em não adotar *verdades preconcebidas nas relações.* **Marcelo** incluiu em sua definição um componente político: *Nós somos todos iguais, infelizmente vivemos num mundo onde o ser humano está preocupado consigo mesmo, onde muitos tem pouco, e poucos tem muito, onde reconhecer o outro igual a você é impossível na sociedade atual.* E **João** um componente religioso: *Somos todos iguais perante a Deus; ninguém é melhor do que outra pessoa.*

De modo singular temos a pratica de **Carlos** para quem não é possível exercitar o reconhecimento do outro sempre, pois o mundo da vida implica em vivências cotidianas complexas que requerem: *Constante esforço por reconhecer a singularidade de cada pessoa.* **Carlos** ressaltou que sente *dificuldades em reconhecer “igualdade” em todos os níveis.* Os limites para o não reconhecimento do outro, para **Carlos** estão vinculados ao seu *processo de reconhecimento de mim mesmo, por mim mesmo, do meu potencial, qualidades e limitações.*

Nesta categoria foi destacado pelos colaboradores que todos procuram reconhecer o outro, e a compreensão como estratégia prática para alcança-lo. Todos destacaram que a percepção da diferença é uma característica mediadora do reconhecimento do outro.

Percepções das mulheres

Sobre a questão: **Sente-se reconhecida**, das mulheres, cinco afirmaram que **Sim**. Sara, embora mencionasse que não, a sua descrição confirma que sim. O que denota a dissonância é o destaque, por ela atribuído e abaixo apresentado, a opinião sobre as características da diferença.

As conjunturas citadas por todas as colaboradoras foram a familiar na origem ascendente (pais) e na formada (marido); a igreja; a conjugal; amizades e o trabalho. O principal significado foi: *respeito e solidariedade.*

As vivências negativas também foram destacadas, por exemplo, na experiência de **Sara**: *Eu sofri bullying na universidade e essa situação me bloqueou de maneira que eu não me sinto tão à vontade para me aproximar dos meus colegas de sala de aula, temendo ser alvo de outra chacota.*

A referência à solidariedade se fez presente na vivência do luto de **Sara**: *Quando a minha mãe estava doente de câncer de mama, muitos membros da igreja nos ajudaram. Quando ela faleceu muitos irmãos da igreja nos ajudaram também. Me levaram do hospital para casa para eu tomar banho e comer. Depois me buscaram para me levar ao velório. A presença de tantas pessoas no velório e no enterro de minha mãe foi um grande conforto.*

Definição.

A propósito dos sentidos apontados, ressaltamos que as colaboradoras desejavam que no reconhecimento estivesse a qualidade de mutualidade praticada nas relações interpessoais. Elas, igualmente buscavam aporte institucional para que o reconhecimento se realizasse sem a objetivação do outro.

Sara ilustrou que *Reconhecimento é uma via de mão dupla. Eu me sinto reconhecida quando o outro me reconhece. Muitas pessoas olham e não me veem. E isso acontece diariamente, as pessoas do ônibus, o mendigo e outras pessoas. Nós passamos por elas, mas elas se tornam “objetos”, quando nós não as vemos.* **Osmarina** afirmou que *Reconhecimento é instituição ou pessoa que entenda e faz cumprir o que aquela pessoa espera.*

No plano subjetivo foi destacada:

a) a convivência pautada pela incondicionalidade na relação. **Laura** apontou que *Reconhecimento é quando as pessoas envolvidas no relacionamento se entendem e reconhecem tanto as virtudes quanto os defeitos um do outro e de si mesmo. É enxergar nas atitudes do outro ou de si mesmo julgando de forma clara para enaltecer o que é bom e mudar o que é prejudicial na medida certa;*

b) a postura ética, em que **Mariana** distinguiu que no reconhecimento se dá *uma valorização mútua de valores, princípios e identificação pessoal entre os envolvidos.*

O Reconhecimento do Outro.

Nesta camada foi ponderado pelas colaboradoras que todas procuravam reconhecer o outro, considerando como suportes relacionais *o respeito e o amor pelo outro ser humano.* Todas destacaram a criatividade, a configuração da subjetividade e da visão de mundo como estratégias das práticas do reconhecimento do outro.

Sara afirmou que: *Cada um possui sua subjetividade. A construção está relacionada à nossa história de vida pessoal, familiar, etc. Essa subjetividade nos faz ser diferentes. Garças a essa diversidade o mundo se torna curioso e divertido.*

4. Análise e discussão

A compreensão da experiência do reconhecimento requer estudos interdisciplinares e, como observado neste trabalho usamos a GT (Alvim, 2012; Pimentel, 2003); e as teorias do reconhecimento propostas em Ricoeur (2006) e Honneth (2003).

Em Ricoeur, situamos a polissemia do termo *Reconhecimento*, e a pesquisa filológica e filosófica em busca de identificar as teorias sobre o tema. O prefixo “RE” aponta para colocar-se novamente a ideia de alguém ou de algo que se conhece, e identificar as marcas pessoais, os sinais, à identidade pela qual uma pessoa é reconhecida.

Sintetizamos em quatro grupos os sentidos do reconhecimento em Ricoeur (2006): a) **abertura**: em recolocar sempre; explorar o desconhecido; b) **singularizar**: alguém; c) **ética**: aponta o valor da pessoa, em meio ao movimento de realizar o bem comum; d) **denegação**: deixar de ouvir ou não ouvir o outro.

Consideramos que, este último sentido assemelha-se a proposta de Honneth (2003) que elabora sua teoria a partir da recuperação e expansão das teses de Hegel e Mead. O filósofo estabeleceu um diálogo com a Psicologia Social e com a psicanálise winnicotiana, o que favoreceu a verificação empírica dos construtos. Assim, para Honneth (2003) o reconhecimento requer uma constituição intersubjetiva que se realiza nas esferas das relações amorosas e de amizade; jurídica e da solidariedade.

No horizonte da pesquisa exploratória que realizamos, Sara, uma das colaboradoras do estudo narrou ter sofrido *bullying* durante a graduação, o que, entendemos que afetou sua fronteira de contato, a autoimagem e a autoestima. A reflexão de orientação gestáltica permite pensar que o reconhecimento intersubjetivo requer a vivência de ajustamentos fundamentados na criatividade e nas relações amorosas de amizade.

Observamos, entretanto que estas interpretações são aportes para a compreensão do humano, e configuram um diálogo com à orientação gestáltica e as proposições dos filósofos. Consoante Barthelemy (2015, p. 131), “Ricoeur não arrisca dar diretivas para a prática clínica, ele lhe traz uma visão antropológica onde os homens são entendidos como seres vivos que, ao mesmo tempo agem e sofrem e as capacidades humanas requerem a ajuda do outro para se manifestarem concretamente”.

Acerca das percepções dos participantes da pesquisa: Jairo, Carlos, Pedro, Marcelo, João, Sara, Osmarina, Leila, Laura, Mariana e Diva, afirmaram sentir-se reconhecidos, contudo, Antônio não se sente devido ao marcador da diferença apontado por ele: *minha raça é*

frequentemente negada. As declarações de Antônio aludem que a vivência do seu não reconhecimento é um exemplo da denegação proposta em Honneth (2003).

Faz-se necessário incluir, neste momento, uma observação que não será aprofundada, porém sinaliza o indispensável diálogo da Clínica Gestáltica com as Ciências Sociais. É cogente refletir sobre a denegação do reconhecimento do outro com a categoria “interseccionalidade” para compreender a coexistência de dimensões que, ao ser acumuladas geram situações de desigualdades mais intensas a determinados grupos sociais (Piscitelli, 2008). Igualmente dialogarmos com o conceito de “raça”, que aponta o uso, inadmissível, de um sistema de classificação que organiza as diferenças fenotípicas e socioculturais da espécie humana em qualidades, e atribuem valores consoantes à cor da pele. Assim, a ciência forneceu subsídios para elaborar teses geneticistas sobre a “supremacia” branca, o que no Brasil se desenvolveu em mais de trezentos anos de escravidão da população negra (Munanga, 2018 Oliveira, 2008, Taquette, 2010, Pimentel, 2014).

Quanto ao Reconhecimento do Outro destacamos a posição de Carlos que indicou não vivenciar uma ação contínua, mas episódios de reconhecimento e de não reconhecimento na relação intersubjetiva. O fundamento por ele apontado é o seu processo atual de auto reconhecimento, em que escuta, algumas vezes, críticas agressivas e intolerância. Tais procedimentos resultam na ruptura do agir ético e do desconhecimento do outro na condição de alteridade (Pimentel, 2018, Morin, 2007, Castells, 2010).

Por sua vez, Diva assinala que a reciprocidade é uma característica do reconhecimento. Osmarina converge com a posição de Carlos e Mariana distingue a ética e o vínculo entre o si mesmo e o outro como qualidades que requerem presença no cotidiano das relações interpessoais.

Por fim, reunimos os pontos de vista dos participantes na definição de reconhecimento como atos de apoio; autoconhecimento; aceitação; suporte de potencialidades. No campo da clínica, os sentidos podem ser associados à escuta, ao respeito, a compreensão, a reciprocidade, o entendimento (cognitivo), a ética e a memória.

Acerca do estudo exploratório realizado, a participante Sara sinalizou sua retração nas relações sociais na Universidade pela vivência do que nomeou de *bullying*, e que pode ser considerado como *denegação* do seu reconhecimento pelos colegas. Antônio relatou vivenciar o racismo, outra fonte de *denegação*. Tais apontamentos dão relevo ao tema estudado: o reconhecimento intersubjetivo de si e do outro.

5. Considerações Finais

Os relatos dos participantes da pesquisa são promissores para prosseguir o estudo do reconhecimento intersubjetivo e dos fatores de denegação, por meio do diálogo entre a Gestalt-terapia e as proposições de Ricoeur (2006) e de Honneth (2003) sobre o reconhecimento intersubjetivo.

Em nossa experiência, na clínica gestáltica os clientes que buscam a psicoterapia individual e de grupo, e as oficinas corporais, de modo amplo, estão premidos pela vivência de um sofrimento associado ao desemprego e aos efeitos dos marcos da sociedade tecnológica e do conhecimento, o que requer que realizemos mais pesquisas para atualização conceitual da GT no que se refere às concepções de subjetivação, identidade, personalidade, diferença, multiculturalismo devido às inúmeras mudanças socioeconômicas mundiais a que os clientes na clínica estão expostos.

Neste século XXI, a vivência de múltiplas opressões provoca o desconhecimento mútuo, bem como, adoecimento mental e psíquico, e coloca aos pesquisadores de orientação gestáltica diversas interrogações, por exemplo: quais estratégias clínicas favorecem a criatividade e a inclusão social, em contextos de consumo a que somos “obrigados” a vivenciar pelos sistemas mundiais de organização da economia? Esta questão converge com a reflexão de Lima & Macedo (2016, p. 22) que consideram que, “As práticas que buscam ouvir demandas de seu tempo acabam por alimentar reflexões teóricas que podem, por vezes, levar à construção de novas conceituações”.

Ambas as situações interferem nas instancias psíquicas mencionadas, e requerem aprofundamento conceitual e de pesquisa. Estes fenômenos estão intimamente ligados, mas nem sempre refletidos pelas pessoas no cotidiano, o que contribui para o sofrimento psíquico e /ou mental.

Estas considerações finais apontam que os fenômenos colhidos funcionam como indicadores para outros estudos nesta direção; sobretudo pela riqueza de elementos que nos permite abordar a complexidade da abordagem da saúde psíquica/mental, que envolve necessariamente uma dimensão relacional, que se efetiva e se legitima como Cuidado, no sentido mais radical do termo, isto é, aquele em que, as interações são voltadas ativamente àquele que demanda o cuidado, sobretudo nas instituições hospitalares que despersonalizam a

pessoa, entre outros modos, ao deixar de trata-la pelo nome próprio, substituído por adjetivos não apreciados pelos usuários dos serviços.

O reconhecimento e o ajustamento criativo são fontes da vida saudável. Mais que conceitos, são suportes às intervenções na clínica e à formação de pesquisadores. Estão presentes nas relações cotidianas dos integrantes do grupo de pesquisas com os usuários das instituições em que atuam. A pesquisa realizada contribuirá para produzir novos estudos em outros contextos, por exemplo: em Unidades Básicas de Saúde examinando a construção das práticas psicoterapêuticas; a abertura afetiva ao outro; e nos Centros de Atenção Psicossocial para desvelar as formas que o respeito aos direitos dos usuários e familiares são garantidos.

Referências

- Albornoz, Suzana Guerra (2011). *As esferas do reconhecimento: uma introdução a Axel Honneth*. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. Vol. 4, nº 1, pp 127-143.
- Alvim, M. B. (2016). *O lugar do Corpo e da Corporeidade na Gestalt-terapia*. In: Frazão, Lilian Meyer; Fukumitsu, Karina Okajima (Orgs). *Modalidades de Intervenção Clínica em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Barthélémy, Annie. (2015). *Implicações Psicológicas da Filosofia da Ação de Paul Ricouer*. Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies - XXI(2): 130-135, jul-dez.
- Campos. A.F.; & Daltro, M. (2015). *A clínica ampliada no enfoque da Gestalt-terapia: um relato e experiência em supervisão de estágio*. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador, v. 4, n. 1, p. 59-68. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v4i1.743>>
- Carvalho, I. C. M. (2005). *Análise do discurso e hermenêutica: reflexões sobre a relação estrutura e acontecimento*. In: Galliazo, M.C. & Freitas, J. V. *Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental*. Rio Grande, Editora Ijuí. pp 201-216.
- Castells, M. (2010). *Comunicación y poder en la sociedad red*. Conferencia dictada el 23 de junio. Cátedra Globalización y democracia, p. 117-155, 2010.

http://globalizacionydemocracia.udp.cl/wp-content/uploads/2014/03/MANUEL_CASTELLS_2010.pdf

Corá, Élsio José & Nascimento, Cláudio Reichert do (2011). *Reconhecimento em Paul Ricoeur: da identificação ao reconhecimento mútuo*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Volume 45, Número 2, p. 407-423, outubro.

Drucker, Peter Ferdinand (1993). *A Sociedade Pós-capitalista*. São Paulo: Pioneira.

Fuhrmann, Nadia (2013). *Luta por reconhecimento: reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais*. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.38, p.<79-96>, jan./jun.

Gerhardt, Tatiana Engel e Denise Silveira, Tolfo (2009). *Métodos de pesquisa* / [organizado por] coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gil, Antônio Carlos, (2002) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. - São Paulo: Atlas.

Holanda. A. F. (2006) *Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica*. *Análise Psicológica*, 3 (24) 363-372.

Honneth, Axel. (2003). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34.

Jervolino, D. (2011). *Introdução a Ricoeur*. São Paulo: Paulus.

Lauxen, Roberto Roque. (2015). *Os cem anos de nascimento de Paul Ricoeur: uma biografia intelectual*. *Revista paginas de filosofia*, v 7, n 1, p.1-25. Jan/jun.

Lima, Maria José & Macedo, Rosa Maria Stefanini de. (2016). *A clínica psicológica como ação social*. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 19-30, agosto.

Ministério da Saúde. (2020). Painel de casos de doença pelo Corona vírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

Neto, José Aldo Camurça de Araújo. (2013). *A filosofia do reconhecimento: as contribuições de Axel Honneth a essa categoria*. Kínesis, Vol. V, n° 09 (Edição Especial), Julho, p. 52-69.

Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. 3. Ed. Porto Alegre: Sulina.

Munanga, Kabengele. (2018). *Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo*. Consulta em 26/06/2018. Disponível em https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172682/teoria_social_relacoes_sociais_brasil_contemporaneo.pdf

Oliveira, Geneci de. (2008) *Relações Raciais e a Gestalt Terapia*. Monografia (Especialização). Instituto de Gestalt Terapia de São Paulo, Curso de Formação em Gestalt Terapia.

Pereira, A.S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. Santa Maria. Ed. UAB/NTE/UFSM. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 Abril 2020.

Perls, F.; Hefferline, R. F.; Goodman, P. (1997) *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.

Perls, F.S. (2002), *Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud*. São Paulo: Summus.

Pimentel, Adelma. (2003). *O psicodiagnóstico em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus-Ed.

_____. et al. (2014). *Dimensões sociais da saúde na psicologia clínica*. Évora-Portugal: Aloendro.

Pimentel, A. (2018). *Prática Clínica em Meios Virtuais*. Curitiba: Juruá Ed.

Polster, Erving. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus,

Polster, Miriam & Polster, Erving. Gestalt terapia integrada. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

Piscitelli, A. (2008). *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. São Paulo. Sociedade e Cultura, v 11, nº 2, jul/dez, p. 263 – 274.

Ricoeur, Paul (2006). *Percurso do reconhecimento*. São Paulo. Ed Loyola.

Ricoeur, Paul (2004) *Parcours de la reconnaissance - Trois études*. Paris. Éditions Stock.

Ricoeur, P. (1999). *Teoria das interpretações*. Lisboa: Edições 70.

Robine, J. M. (2009). *Una terapia de las formas de la experiencia*. Revista Figura Fondo, México, n. 26.

Significado do prefixo De. Consulta em 26/06/2018. Disponível em <https://www.portalsaofrancisco.com.br/portugues/prefixo;>

Significado do prefixo Re. Consulta em 26/06/2018. Disponível em [https://www.lexico.pt/fletir/.](https://www.lexico.pt/fletir/)

Silva, Tomaz Tadeu da. (2000). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/*. Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes.

Stefani, Jaqueline. (2006). A constituição do sujeito em Paul Ricoeur: uma proposta ética e hermenêutica. Dissertação de mestrado em Filosofia. S. Leopoldo, RS.

Taquette Stella. (2010). *Interseccionalidade de Gênero, Classe e Raça e Vulnerabilidades de adolescentes negras as DST / AIDS*. Revista Sociedade e Saúde. São Paulo, 19 (2), p. 51-62.

Turato, E. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro. Petrópolis, RJ: Vozes.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel – 100%